

## A reprodução social do machismo: uma análise dos contextos familiar e escolar

MATHEUS ZAMBRANO PEREIRA; RENATO DURO DIAS.

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande - FURG 1 – matheuszambr@gmail.com 1

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande – FURG – renatodurodias@gmail.com 2

### 1. INTRODUÇÃO

No que hoje se conhece por “família tradicional brasileira”, ainda há um número significativo de casos em que o pai, sob a arcaica égide idealística de personificação de um chefe, enxerga os outros membros da casa como indivíduos obrigatoriamente submissos à realização de suas demandas e à satisfação de suas vontades individuais. Essa figura dominante acaba por controlar e limitar constantemente através de sanções morais, ou até mesmo agressão física, a amplitude e o desenvolvimento subjetivo dos filhos, especialmente das filhas, sendo os ideais de comportamento e aparência destes corpos femininos determinados a partir de uma perspectiva masculina (BOURDIEU, 2016).

Nessas condições, em uma família em que a mãe/mulher foi construída socialmente na dominação e controle da formação subjetiva enquanto filha na família anterior, o discurso masculino dominante atua opressivamente. Assim, na família atual esta dominação pode existir e operar sem resistência, já que a sua figura feminina, que é também responsável pela educação informal das filhas, herda, de modo inculpado, comportamentos e concepções ideológicas sobre o que/como deve ser o ser feminino moldadas pelas restrições e aprovações do sujeito masculino que dominava anteriormente.

Um ambiente nestas condições ideológicas é capaz de reproduzir e fazer escoar às futuras gerações familiares (e ao meio social mais amplo) esse *habitus* (BOURDIEU, 2003), em que são regulados e restringidos os papéis exercidos dentro de casa. Além disso, os modos de ser e ser visto são limitados ao padrão masculino (paterno), isto é, o que é tido como próprio em sua carga ideológica é aquilo que tanto a mãe como a(s) filha(s) são constantemente ditadas a acatar através da reprodução do discurso machista (FOUCAULT, 2010). Uma possível solução para este problema parece ser a suscitação da consciência através do diálogo, feito principalmente no âmbito escolar/acadêmico, onde as concepções machistas são frequentemente carregadas de casa e expostas ao público, a respeito da importância do papel feminino na família e na sociedade como um todo, argumentando sobre a insensatez dos atos que contrariam e invalidam esse caráter igualitário, que perpetuam essa desparatada concepção ideológica de controle e posse sobre o ser feminino (SAFFIOTI, 1994).

Nesse sentido, esta investigação pretende problematizar o papel da construção social da família e, assim, debater as relações entre público e privado existentes nos discursos binários homem/mulher, macho/fêmea. Com isso, espera-se contribuir na construção de uma sociedade menos machista e sexista.

### 2. METODOLOGIA

Este estudo utiliza de abordagem qualitativa e tem como referência a análise documental e revisão de literatura. Discute-se a partir de BOURDIEU (1992, 2003 e 2016), FOUCAULT (2010), SAFFIOTI (1994) e SERAFIM (2010). Esta pesquisa, embora em fase inicial, pretende problematizar dados extraídos de uma entrevista semi-estrurada a ser aplicada em alunas/os de início de curso de Direito em uma Universidade do sul do Brasil.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entende-se o comportamento machista como construído e reproduzido socialmente no âmbito domiciliar, que por sua vez é visto como a sede da matriz propagatória dessa violência simbólica (BOURDIEU, 2016). Por certo, a mulher ainda convive diariamente com essa opressão e imposição de valores e desvalores por parte dos pais durante a infância e adolescência, se inserindo inconscientemente como agente nesse processo de submissão. Seja em casa ou na escola, é tocado à mulher reproduzir os papéis de mãe. Desde cedo, ela “brinca de boneca”, encena com “panelas de cozinha” e, enfim, constrói o *habitus* que a domestica no mundo masculino/machista. É preciso reverter essas práticas, principalmente nesses contextos de reprodução.

Por essa razão, o objetivo principal desta pesquisa foi o de agregar visões de diversos autores cujas escrituras eram contempladas pela não aceitação e pelo estudo de mecanismos capazes de minorar esse androcentrismo que se faz ubliquamente presente no meio social.

### 4. CONCLUSÕES

Embora atualmente em estado preliminar, no porvir este estudo pretende debater os aspectos nefastos que a diferenciação binária sexista acarreta para todos os indivíduos, inclusive aos homens (BOURDIEU, 2016). Esse efeito traduz-se relevante para o Direito (ciência jurídica e poder judiciário) e o campo da educação (SERAFIM, 2010), mas, principalmente, a respeito da necessidade que cada um tem enquanto ser social de tomar parte em atitudes, comportamentos que inculquem/reproduzam o machismo. Portanto, este estudo potencializa aportes teóricos que podem contribuir para construção de uma sociedade mais humana, justa, igualitária e menos sexista.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 2003. 6<sup>a</sup> ed.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1992. 3<sup>a</sup> ed.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2016. 3<sup>a</sup> ed.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no college de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Editora Loyola, 2010. 20<sup>a</sup> ed.

SAFFIOTI, H. I. B. Violência de gênero no Brasil atual. **Revista Estudos Feministas**. N<sup>o</sup> especial/2<sup>º</sup> sem./1994 - Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec.

SERAFIM, F. P. **Revista dos Estudantes de Direito a UnB**, n<sup>º</sup> 09, 2010, p. 319-313.